

Ensino deficiente causa perda de US\$ 5,3 bilhões

Levantamento mostra número elevado de evasão e repetência de alunos do 1º grau da rede pública

ANGELA LACERDA

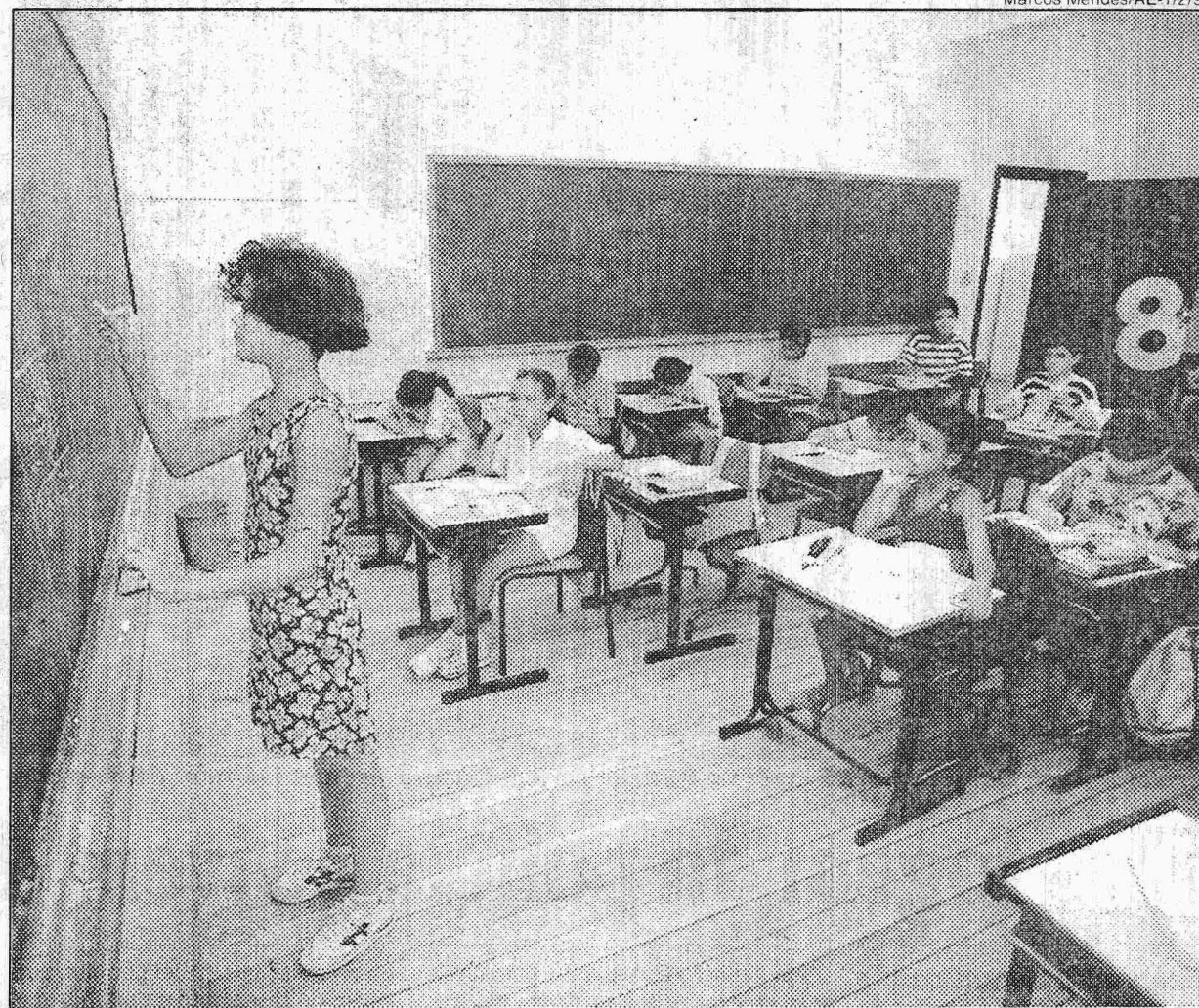
RECIFE — O ensino no Brasil é um dos piores da América Latina e do mundo, em relação ao seu desempenho. Joga-se fora, por ano, US\$ 5,3 bilhões com alunos da rede pública de 1º grau que abandonam o curso ou repetem o ano letivo. Essas são algumas das conclusões que podem ser extraídas do segundo relatório do Sistema Brasileiro de Avaliação de Educação Básica (Saeb), realizado em 1993, cujos resultados ainda não foram oficialmente divulgados.

“Esses recursos dariam para criar um outro sistema educacional e mais que duplicar os salários dos professores”, afirma o preparador do relatório final do Saeb, Júlio Jacobo Waiselfisz, convidado pelo Estado a analisar os dados do levantamento feito com cerca de 140 mil alunos das 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries em 26 Estados da federação. Foram ouvidos 2.300 diretores e 7.800 professores.

O desperdício ocorre porque dos 30 milhões que se matriculam anualmente, 58,9% deixam a escola ou repetem. Outra revelação considerada “trágica” por Waiselfisz: de cada 100 alunos que ingressam no sistema, apenas 33 terminam o 1º grau. O índice é um dos piores do mundo, de acordo com o especialista, ganhando apenas de Bangladesh, na Ásia, e de Guiné-Bissau, na África.

Para Waiselfisz, a evasão escolar é um problema real, mas muito menos grave que o da repetência. Ele adverte que as nossas taxas de repetência também estão entre as piores, mesmo comparadas com países miseráveis. “E repetência significa fracasso escolar.” Mesmo consciente da situação, ele diz que o MEC nunca deu prioridade ao problema.

“O relatório mostra que o aluno volta à escola, quer estudar, quer aprender, há casos de criança que repete o mesmo ano cinco vezes segui-



Marcos Mendes/AE-1/2/94

Alunos de 1º grau: apenas 37% dominam o conteúdo mínimo de português e 20% o de matemática

das”, observa. “Se nossas crianças não são melhores nem piores em inteligência que as crianças de qualquer outra parte do mundo, isto mostra que as escolas não estão oferecendo os insumos básicos necessários para elas terem conhecimento.”

O levantamento do Saeb não teve por objetivo avaliar o aluno, mas verificar a eficiência e a qualidade do sistema educacional. “As respostas aos testes de conhecimento indicam claramente a situação vergonhosa do ensino”,

diz o analista. Dos alunos da 1ª série, por exemplo, apenas 37% dominam o conteúdo mínimo, básico, da disciplina português, e 20% de matemática. Estes índices vão atrofiando ano

a ano para chegar, respectivamente, a 5% e 0% na 5ª série. Na 7ª série, menos de 1% assimilam os conteúdos básicos em ciências e matemática. “Estamos abaixo da média de países subdesenvolvidos”, diz. “Em matemática só ganhamos de Moçambique.”

O único item positivo do levanta-

mento é em relação à cobertura escolar: aí, o Brasil se equipara aos países do 1º Mundo. Em 1993, 93% das crianças de 7 a 14 anos estavam na escola. Hoje, estima-se que essa taxa esteja beirando os 95%, um patamar aceitável em termos de padrões internacionais. Há dois anos, as regiões Centro e Sul já ultrapassavam os 95%, enquanto o Norte e Nordeste registravam 84%.

Esses dados levam Waiselfisz a apoiar a ideia do governo federal de não expandir sua rede física. “Essa expansão não é necessária, salvo por problemas localizados, que exigem assentamento de escolas em função da demanda e localizadas perto do aluno, especialmente na área rural.”

PESQUISA
FOI FEITA COM
140 MIL
ALUNOS